

## **Epistemologia Contemporânea em Ciências Sociais: das Questões Gerais aos Estudos da Mediatização na Comunicação<sup>1</sup>**

Claudiane Carvalho<sup>2</sup>  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

### **Resumo**

A partir da reflexão sobre alguns dos aspectos constituintes da epistemologia contemporânea em ciências sociais, este artigo busca delinear perspectivas e desafios aos estudos da mediatização na Comunicação. Dividido em três partes - breve panorama histórico da constituição das ciências sociais; especificidades da pesquisa social e em comunicação e desafios impostos pelo fenômeno da mediatização aos estudos comunicacionais, o texto aponta que o percurso de formação histórica e de institucionalização das ciências sociais sinaliza pistas para enfrentamento dos possíveis obstáculos na investigação dos fenômenos atuais. A produção, calcada numa revisão bibliográfica, consiste nos passos iniciais de uma pesquisa maior.

### **Palavras-chave**

Epistemologia Contemporânea; Ciências Sociais; Comunicação; Mediatização.

### **1. Introdução**

A modernidade complexifica e problematiza a comunicação, cujas condições de produção, circulação e reconhecimento, sustentadas em aparatos sociotecnológicos, promovem a reconfiguração de práticas, discursos e relações sociais. A realidade construída socialmente pela mediação dos meios de comunicação de massa implica a remodelagem de nossas experiências cotidianas, formas distintas de ser e estar no mundo (FRANÇA, 2001; MARTINO, 2017). Uma tessitura do social que desemboca no uso intenso da palavra comunicação ao longo do século XX, período no qual os estudos do campo comunicacional começam a ser desenhados num cenário marcado pela instabilidade da própria noção de ciência<sup>3</sup>. Inconstância, aliás, em muito patrocinada pelas ciências sociais

Desde o século passado, há um tensionamento da acepção de ciência erguida na modernidade, tanto em seus aspectos epistemológicos quanto metodológicos. Ciências da natureza e sociais declinam da noção clássica e buscam uma concepção menos racionalizante e menos mecanicista. Nesse contexto, o próprio desenvolvimento dos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Culturas Contemporâneas pela UFBA. claudianecarvalho.29@gmail.com

<sup>3</sup> De forma geral, a ciência é “descrita como o uso de métodos sistemáticos de investigação empírica, a análise de dados, o pensamento teórico e a avaliação lógica de argumentos com o intuito de promover um bloco de conhecimentos sobre um determinado tema” (GIDDENS; SUTTON, 2017, p.44)

---

estudos de temas sociais nos séculos XIX e XX contribuíram para essa desestabilização, uma vez que a natureza do objeto de estudo e dos problemas da pesquisa social criaram duas situações que indicaram pontos de fragilidade ao que Santos (2006) denominou de paradigma hegemônico da ciência. Na primeira, as ciências sociais aderiram à proposta positivista e usurparam da pesquisa social o seu caráter específico. Na segunda situação, os estudos conclamaram a subjetividade, enquanto condição intrínseca à investigação social. Assim, não puderam assumir a objetividade e foram exilados ao território do “não científico”. Em ambas as situações, o desconforto estava instalado, promovendo reflexões epistemológicas e metodológicas.

Ancorada numa abordagem de cientificidade pautada na “desdogmatização”, a epistemologia contemporânea busca romper com a dicotomia entre ciências sociais e ciências naturais, resguardando a ambas a unidade científica e a especificidade inerente aos seus respectivos objetos e problemas de investigação. Lança ainda novas perspectivas à relação entre conhecimento científico e senso comum e à abordagem do viés. Essas reflexões não conduzem a um relativismo epistemológico como alternativa ao peso histórico da racionalização, do mecanicismo e do monismo metodológico. O conhecimento objetivo e a busca da verdade (ainda que esta seja perecível nas ciências) não são relegados, mas abrigam-se nas constatações de que o conhecimento é aproximado e o objeto construído.

Erguida em face dessa fragilização da concepção moderna de ciência, a epistemologia contemporânea reflete-se metodologicamente nas ciências sociais (e, aqui, encontra-se a comunicação<sup>4</sup>) numa interpelação não dicotômica entre pesquisas qualitativas e quantitativas, as quais não se anexam conceitualmente a determinados métodos. A busca, porém, deve ser por zonas de interseção e membranas permeáveis à natureza do objeto e ao “espírito do problema” (BACHELARD, 1996). Afinal de contas, o método, em suas dimensões técnica e filosófica, tem grau e abrangência de médio alcance e não passa incólume às vicissitudes das suas condições de produção (KAPLAN, 1972).

Para dar conta das implicações entre epistemologia contemporânea, métodos nas ciências sociais e desafios impostos pelo fenômeno da mediatização (LUNDBY, 2014;

---

<sup>4</sup> Neste texto, partimos do pressuposto de que, na construção da cientificidade, a comunicação enfrenta, por sua natureza e legado, os problemas comuns às ciências sociais como um todo, embora sejam resguardadas suas peculiaridades. Para uma discussão mais detida sobre o campo comunicacional, o delineamento de seu objeto de estudo e problemáticas, sugerimos Martino (2017, 2007)

---

HJARVARD, 2014; FAUSTO NETO et al, 2008; VERÓN, 2014), este texto divide-se em três partes: no primeiro momento, 1) a discussão é situada a partir de um panorama histórico da constituição das ciências sociais; em seguida, 2) serão apresentadas especificidades da pesquisa social e da pesquisa em comunicação, por fim, 3) discorreremos sobre os desafios impostos pelo fenômeno da mediatização aos estudos comunicacionais.

## **2. O desenvolvimento das Ciências Sociais**

No intuito de localizar historicamente a discussão sobre a epistemologia contemporânea, cabe retomar, brevemente, alguns traços do desenvolvimento epistemológico e institucional das ciências sociais.

As ciências sociais são gestadas “no mundo moderno e seu desenvolvimento se insere no contexto de um processo evolutivo de especialização e de autonomização do saber ocidental” (PIRES, 2014, p.46), sustentado na causalidade e na formulação de leis à luz das regularidades observadas, com vistas à previsão e regulação dos fenômenos (SANTOS, 2006).

Assim, as raízes das ciências sociais se encontram asseveradas desde o século XVI, quando um projeto denominado “sciencia” (do latim, saber, conhecimento) introduz uma distinção entre a ciência e os outros saberes, por meio da busca do conhecimento secular e sistemático da realidade (PIRES, 2014). No século XVII, o cartesianismo, do filósofo René Descartes, começa a dar as cartas: ao atrelar a Lógica à Matemática, defende a busca da verdade e a recusa de qualquer ideia que não passe por rigorosa investigação, evidenciando-se, pois, como verdadeira. Os problemas deviam ser divididos em quantas partes fossem necessárias e possíveis, e a resolução deveria começar do mais simples ao mais complexo (DESCARTES, 2002). Ou seja, era preciso dividir para explicar, classificar e quantificar. Os princípios cartesianos, associados ao empirismo de Bacon e ao positivismo de A. Comte, deram o tom do fazer científico ao longo do século XIX, no qual o termo passou a designar as disciplinas que estudavam o mundo físico (Astronomia, Física e Química), ou seja, as ciências da natureza.

Inicialmente, a denominação ciência foi assimilada pelos estudos do mundo físico, marcados pela oposição natureza x homem, objeto x sujeito, científico x senso comum, entre outros. As chamadas ciências da natureza empreendem a busca pela verdade, a partir da distinção, traçada por Descartes, entre “condições iniciais” e “leis da natureza”, sendo as primeiras complicadas, das quais é necessário selecionar o fato a ser

observado, e as segundas são simples e permitem a regularidade, a medição, a classificação. Sobre essa diferenciação se assentam o pressuposto epistemológico e as regras metodológicas que amparam a natureza do saber científico no paradigma moderno, acentuando a distinção entre ciência e não ciência, conferindo ao saber científico uma certa autonomia (SANTOS, 2006).

Neste sentido, busca-se um conhecimento objetivo da realidade, com base em descobertas empíricas, negando o conhecimento dito *a priori* e todas as *pré-noções* em sentido amplo. Vale assinalar que, no início, essa distinção não é hierárquica, nem pejorativa, mas ela foi construída pelas ciências da natureza. E as representações que as ciências da natureza construíam de si mesmas e do mundo deram a elas, neste contexto, o título de modelo ideal de ciência (PIRES, 2014; GOLDFARB, 2010; SANTOS, 2006). De um lado, portanto, estavam as ciências da natureza e, do outro, um campo, então, não científico, designado de forma vaga por “filosofia”, “artes”, “humanidades”, “letras”, “belas artes” etc.

As ciências sociais nascem no rastro de uma segunda distinção. “Elas aparecem de modo mais hesitante, sobretudo no interior desse domínio que se denominou de “filosofia” ou “letras” [...]Esse novo saber social procura, por sua vez, distinguir-se dos saberes filosófico e religioso” (PIRES, 2014, p. 46-47), corroborando, então, para uma separação abissal entre o científico e não científico (SANTOS, 2009).

No século XVIII, já é possível vislumbrar a “emergência de um saber social associado a uma exigência metodológica” (PIRES, 2014, p.47), ainda que não se concretizassem as pesquisas empíricas. Advindas desse processo, as ciências sociais surgem no século XIX. O reconhecimento inicial ainda embaçado desenhava, aos poucos, uma aproximação epistemológica e metodológica com as ciências naturais, ou seja, com a descoberta da realidade objetiva, por meio de métodos que exteriorizam o objeto.

Longe da Filosofia e das Letras e próxima das ciências naturais, as ciências sociais viviam, internamente, um dilema de como construir um conhecimento objetivo, passível de verificação e refutação. Aliás, no crepúsculo do século XIX, essa discussão é mais ampla: na área da filosofia da ciência, emergem questionamentos sobre que métodos poderiam ser considerados científicos, como comprovar a verdade no conhecimento científico, distinguindo o verdadeiro do falso e, nesse contexto, havia a discussão sobre as condições de cientificidade nas pesquisas dos temas sociais.

---

No século XX, os positivistas defendiam que os métodos usados nas ciências naturais deveriam espalhar-se a outros campos do saber, enquanto condição de cientificidade. Nesta direção, o precursor da sociologia, Émile Durkheim, por exemplo, aborda o fato social enquanto coisa, demarcando sua exterioridade ao indivíduo e poder de coerção. “Comte, é certo, proclamou que os fenômenos sociais são fatos naturais, submetidos a leis naturais” (DURKHEIM, 2002, p.45) Aqui, generalidade e objetividade são reconhecidas como características do fato social, que pode ser estudado sob os auspícios do positivismo, numa abordagem estruturalista.

Os conflitos oriundos dessa posição resvalam-se, epistemologicamente, em discussões sobre que estratégias de conhecimento adotar. A exteriorização do objeto deixa de ser a única alternativa e revela-se frágil e inconsistente.

No que tange ao plano metodológico, o debate residiu na natureza dos dados e agrupou duas visões. A primeira, em sintonia com as ciências da natureza, prima, entre outras coisas, pelos números e busca uma unicidade na forma de tratamento dos dados, o quantitativo. Nesta vertente, os objetivos eram de predição, regulação e precisão concedida pelos números. A segunda, por sua vez, privilegiava os dados qualitativos (PIRES, 2014). Nesta abordagem, a noção metodológica de precisão ganha outros contornos para forjar-se na descrição, desembocando na compreensão. No prolongamento dessas duas visões iniciais sobre a natureza dos dados, encontra-se a raiz das oposições entre o qualitativo e o quantitativo, uma dicotomia que parece não se sustentar diante dos aspectos do objeto, problema de pesquisa e delineamento do processo.

As ciências sociais nascem da perplexidade diante do mundo moderno e os métodos construídos, ao longo dos séculos XIX e XX, tentaram dar conta dos problemas dessa sociedade revolucionada pela industrialização, crises político-sociais, aparecimento do mercado, desmembramento entre os poderes do estado e do clero, explosão demográfica, emergência do indivíduo moderno, entre outros aspectos (MARTINO, 2017). Nesse cenário, traça-se um outro papel para a comunicação na estrutura coletiva. Martino (2017) demonstra que, além de constituir o fundamento da consciência humana, quer em sua forma coletiva ou individual, a comunicação passa também a configurar uma estratégia racional de inserção do indivíduo na coletividade:

A comunicação somente ganha visibilidade, enquanto problema colocado à tradição do pensamento Ocidental, quando ela passa a ter o sentido de uma estratégia racional de inserção do

---

indivíduo na coletividade, fenômeno correlato à emergência de uma forma de organização coletiva, cuja dinâmica não se assenta sobre os valores da tradição, mas sobre o consumo do presente (MARTINO, 2017, p. 137)

### **3. Cientificidade nas Ciências Sociais (aspectos epistemológicos e metodológicos) e os estudos em Comunicação**

#### **3.1 Especificidades do objeto de estudo (um objeto construído)**

Embora para muitos pesquisadores a discussão soe obsoleta, a interrogação sobre a cientificidade nos estudos sociais desdobra-se em outra questão: como objetivar uma realidade, da qual somos agentes? (MINAYO, GOMES, 2009; GIDDENS, SOUTTON, 2017; POUPART et al, 2014).

A constatação da fragilidade das dicotomias que afiançaram a aceção de ciência tecida na modernidade revela o conhecimento como construído e aproximado. O conhecimento, que advém da relação em *continuun* entre sujeito e objeto, ocorre em determinadas condições de produção e recepção (reconhecimento) e, portanto, não pode ser reduzido à mera produção de significantes, é preciso levar em consideração sua dimensão sócio-histórica, sua natureza de uma produção irremediavelmente vinculada às condições antropológicas e sociológicas, conforme defendeu Foucault (2004).

Essas condições de produção integram o contexto do fazer científico como um todo, cujo processo conjuga, concomitantemente, aquisição de um saber, aperfeiçoamento de uma metodologia e elaboração de normas, regras (BRUYNE et al, 1995). Esse processo só confere unidade à cientificidade, porque ocorre nas tramas do que há de específico nas ciências.

Para Kaplan (1972), o que marca as ciências sociais (chamadas por ele de ciências do comportamento, fazendo referência também às ciências humanas) é o seu objeto; as técnicas que o objeto admite ou requer são apenas secundárias. Um discriminante singular nesse objeto é o uso de signos: a verificação do homem como ser simbólico, cuja relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo é mediada pelas linguagens, pelos signos. Assim, as ciências sociais examinam os processos em que a produção de significação, a construção de sentido, desempenha um papel essencial. Se a relação do ser humano com o mundo é sempre mediada, só atingimos os fenômenos sociais enquanto processos de produção de sentido.

---

Como a produção de sentido envolve a articulação das dimensões espaço-tempo e é ancorada historicamente, Minayo (2009) destaca que o objeto de estudo é histórico, ou seja, as relações e práticas discursivas que constituem a sociedade são espaço-temporais. Por isso, para tais ciências, os dados “não são movimentos puros, mas ações - ou seja, atos praticados dentro de certa perspectiva que lhes dá significação e objetivo” (KAPLAN, 1972, p.34).

O termo ação, como acentua Paul Ricoeur (1989, 2010), em sentido estrito, remete à dimensão de que aquilo que alguém faz implica objetivos, motivos; não se refere, portanto, ao movimento físico, mas guarda uma intencionalidade e consequências. Segundo o filósofo, as ações são constituídas por aspectos de inteligibilidade, simbólicos e temporais. Assim, reconhecer o agente da ação e suas motivações – “quem” e “para quê” – está no âmbito da inteligibilidade. As ações são também históricas e temporais, localizadas no espaço-tempo, mediadas pela cultura.

Amplificando a reflexão, tem-se ainda que o objeto de toda pesquisa é construído, a despeito dos vínculos e menções ao construcionismo. Compreende-se que a observação não é passiva, mas um processo interpretativo, ou seja, um processo de semiose, marcado pela nossa inscrição histórica e cultural no mundo. Em outros termos, a ciência não se inicia com um olhar distanciado e neutro dos fatos, mas com uma visão teórica que organiza nossa observação.

No mais, Berger e Luckmann (2008) apontaram outras perspectivas para os estudos em ciências sociais ao demonstrarem que a realidade é uma construção social, tecida nos processos de socialização constituídos e constitutivos da linguagem. Estas duas condições - 1) o objeto científico é construído e 2) a realidade social é produzida pelos seres humanos - são inerentes a qualquer processo de pesquisa social e não podem ser anexados ao construtivismo.

Um segundo equívoco é atinente à indexação entre objeto cientificamente construído e subjetivismo. Ligação que pode ser rompida, por meio do entendimento de que entre o objeto de estudo e a realidade ocorre uma aproximação e não uma correspondência. Afinal de contas, o conhecimento que o pesquisador constrói é aproximado, ou seja, não abrange toda a realidade e podem ocorrer erros, deformações, dimensões esclarecidas e obscurecidas (PIRES, 2014, p.65). Dessa forma, não se pode revelar todos os aspectos da realidade, a ciência “reduz a informação e organiza ou constrói uma certa leitura da realidade” (PIRES, 2014, p.65).

---

Sem negar a possibilidade de atingir o real, a noção de objeto construído é mais modesta: trata de uma aproximação. Atinente ao objeto de estudo da comunicação e sua construção, França (2001) explica:

[...] o objeto da comunicação não são os objetos “comunicativos” do mundo, mas uma forma de identificá-los, de falar deles – ou de construí-los conceitualmente. E aqui chegamos ao veio tocado por nossa indagação: quando se pergunta pelo objeto da comunicação, não nos referimos a objetos disponíveis no mundo, mas àqueles que a comunicação, enquanto conceito, constrói, aponta, deixa ver. Essa é a natureza de um “objeto de conhecimento”: construções edificadas pelo próprio processo de conhecimento, a partir de sua ferramenta e do seu “estoque cognitivo” disponível (o conhecimento com o qual se conta para poder conhecer mais) (FRANÇA, 2001, p.42)

A percepção de que o objeto de estudo é um procedimento metodológico do autor, que o constrói técnica e teoricamente, constitui um dos primeiros obstáculos do campo científico da comunicação, assegura França (2001). Na visão de Martino (2017), o objeto e estudo está nas práticas que envolvem os meios de comunicação. “Nenhuma outra disciplina, além da Comunicação, tem a liberdade para explorar as práticas advindas pela introdução dos media na organização social” (Martino, 2017, p. 138)

### **3.2 Ciências Sociais e senso comum**

Inicialmente, as ciências sociais trataram o senso comum como o que devia ser repellido, negado em prol da cientificidade. Nessa direção, como já apontado, Durkheim propõe o método sociológico, a partir do tratamento do fato social como coisa, pela exteriorização, inspirado na ideia de Auguste Comte do monismo metodológico, cujo saber científico era calcado na ruptura com o saber ordinário. Atualmente, as ciências sociais consideram que a relação com senso comum é mais complexa e marcada por distintas matizes, dada a posição do olhar do cientista em relação ao objeto e a abordagem em relação ao viés. E, assim, faz-se necessário rever a pertinência ou não da ideia de ruptura nessa passagem entre o senso comum e saber científico.

Boaventura de Souza Santos, ao considerar que há a emersão de um outro paradigma em consequência do colapso do paradigma da ciência moderna, pondera que uma visão renovada do processo científico esmaece a dicotomia entre o conhecimento científico e o ordinário, dessacralizando a ciência e reposicionando o senso comum.

A noção de ruptura, calcada numa ideia de superação e desqualificação do anterior, parece não ser o caminho mais plausível, diante da possibilidade de manter a objetivação das ciências sociais. Talvez, seja prudente aceitar a perspectiva de substituir



a noção de ruptura por demarcação. O senso comum é a forma de conhecimento, em primeira instância, acessada pelo pesquisador das ciências sociais. Além disso, nem o conhecimento científico, nem o senso comum são homogêneos. A impureza inerente a ambos faz com que não abarquemos em completude o objeto, seja por um prisma ou pelo outro. Além disso, o senso comum impulsiona a pesquisa: “Início indispensável, passagem obrigatória, estadia forçada, fonte de criatividade e de correção de erros, processo de crítica semelhante e retorno necessário: desde então, qual o sentido pode ainda haver em continuar falando em ruptura?” (PIRES, 2017, p.9).

O conhecimento desenvolvido pela ciência tem origem no senso comum e retorna para ele, por meio da reflexividade. Em outros termos, trata-se do duplo movimento entre ciência e prática, que envolve uma “desnaturalização”, processo que impulsionou e legitimou os estudos no campo da Comunicação:

A modernidade transformou a comunicação em problema; levantou questões em torno de uma prática até então natural, naturalizada – prática esta que desde então se impôs aos homens como algo a ser melhor conhecido.

A resposta ao desafio é a apreensão e a conformação desses estímulos na forma de um “objeto” recortado; é a transformação do problema sentido em problema formulado; é construir desse problema um objeto do conhecimento (FRANÇA, 2001, p.46).

Faz-se necessário destacar que, mediante métodos e técnicas de pesquisa e uma prática disciplinada e disciplinadora, o conhecimento científico visa reposicionar o senso comum. Aqui, não se esmaece o fato de que a ciência é um fenômeno social e histórico (tempo-espacial), passível de erros e à mercê das tramas ideológicas e do poder. Porém, conclama-se uma visada filosófica ao fazer científico, calcada na crítica de seus métodos e resultados e na validação de seus processos.

### **3.3 As descobertas nas ciências sociais**

Inventariar as descobertas das ciências naturais e suas implicações na sociedade é uma missão que não oferece maiores desafios. Entretanto, o mesmo feito não ocorre com as ciências sociais. Como lembra Pierre Bourdieu, em *Lições da Aula* (aula inaugural proferida pelo sociólogo no Collège de France, em 1982), nas ciências sociais, descobre-se o que se tornou invisível por excesso de visibilidade.

A primeira característica dessas descobertas é esta: mostrar uma evidência de tal maneira que faz dela uma revelação. A segunda característica é que são indesejáveis e impopulares, mexem com as defesas coletivas ao mostrarem o que era para ficar

escondido. Um terceiro atributo diz respeito ao fato de que, por conta do peso que suscitam, essas descobertas podem ficar esquecidas. Além disso, com o tempo, também podem cair na banalidade, na trivialidade.

Nas ciências sociais, geralmente, o êxito e resultados das descobertas dependem das relações sociais, da ação de uma coletividade mais ampla. E, por fim, a aplicação dessas descobertas emana de uma conjunção de interesses políticos e econômicos, pois, geralmente, eles provocam um abalo no *status quo* (PIRES, 2014).

Diante do que foi exposto, vê-se a complexidade da investigação e a necessidade de dispor de pesquisas qualitativas e quantitativas, driblando as doutrinas epistemológicas ou determinações metodológicas, a fim de atender às prerrogativas do objeto e do problema.

### **3.4 A busca da verdade nas ciências sociais**

A busca da objetivação nas ciências sociais foi guiada pela seguinte questão: *Como apreender a verdade sobre o mundo social?* Essa reflexão tangencia tanto os planos epistemológico quanto o metodológico e faz entrever que a busca pela cientificidade alinha-se à busca pelo(s) método(s).

As articulações metodológicas e epistemológicas geraram, numa leitura retrospectiva, três vertentes de pesquisas (PIRES, 2014). Baseada nas ciências da natureza, a primeira vertente prezava por dados quantitativos e exteriorização do fato social.

A segunda vertente, por sua vez, aplica-se apenas ao que concerne aos humanos. Mediante uma oposição filosófica entre o mundo da natureza e o mundo da cultura, essa estratégia valoriza uma particularidade dos objetos das ciências sociais: “o fato de que a subjetividade adquire uma importância capital para a compreensão, interpretação e explicação científica das condutas humanas” (PIRES, 2009, p.72). Aqui, já há uma articulação entre pesquisas quantitativas e qualitativas e, na *Mass Communication Research*, Paul Lazarsfeld apresentou avanços à pesquisa administrativa ao contemplar o contexto em suas investigações, considerando a inscrição sócio-histórica, espaço-temporal, dos agentes comunicativos.

O terceiro modelo de busca da verdade deriva de uma leitura marxista do pensamento de Hegel, no âmbito sociológico. A antropologia também mostra a importância do ponto de vista partidário frente a todos os problemas do etnocentrismo e do racismo. Nessa perspectiva, os estudos culturais, por exemplo, redirecionam as

problemáticas da comunicação e a compreensão dos lugares de produção, circulação e recepção dos produtos midiáticos e suas implicações à tessitura social e cultural. A pesquisa qualitativa conquista um lugar privilegiado nas reflexões e desenhos de pesquisa, especialmente a partir dos anos 1970.

A observar, de forma breve, as vertentes apresentadas, estimula-se a reflexão de que, se o fio de Ariadne no processo de pesquisa consiste em atentar-se aos aspectos do objeto e ao problema, parece ser mais prudente vislumbrar possíveis articulações e negociações, considerando as pertinências e revisões necessárias em relação aos fenômenos contemporâneos, a exemplo da mediatização<sup>5</sup>.

#### **4. Em nome do objeto e do problema de pesquisa e os estudos do fenômeno da mediatização**

Se as ciências sociais nascem da perplexidade diante do mundo moderno, olha-se para a história dessas ciências, na contemporaneidade, a fim de construir aportes teórico-metodológicos que deem conta de uma sociedade mediatizada, revolucionada pela digitalização, novas modalidades de circulação do discurso e constituição de práticas discursivas.

No fenômeno social da mediatização, a comunicação com/pelos media é contemplada como ambiente, que reconfigura, estruturalmente, as relações e práticas sociais. O fenômeno apresenta, entre outras, uma nova agenda de pesquisa para questões antigas no âmbito da sociologia da mídia, a saber: quais são as implicações da mídia na constituição da sociedade e da cultura contemporâneas. Segundo Hjarvard (2014), a perspectiva teórica da mediatização difere dos paradigmas dos efeitos e da audiência, porque aborda uma sociedade mediatizada em detrimento da sociedade mediada.

Se nas abordagens da mediação, o estudos focam o uso da mídia para comunicação do sentido. Numa sociedade mediatizada, os usos, práticas e apropriações dos meios de comunicação redefinem relações e discursos sociais, acarretando mutações em instituições e em seus respectivos campos sociais. “Os estudos da midiatização transferem o centro de interesse dos casos específicos da comunicação mediada para as transformações estruturais dos meios de

---

<sup>5</sup> Neste texto, adotamos o termo mediatização em referência à noção de médium, à mediação inerente ao processo social de construção do sentido. Esta nomenclatura é trabalhada pelo Centro de Estudo e Pesquisa em Análise do Discurso e Mídia -CEPAD/Facom/UFBA, a partir dos estudos sociodiscursivos.

---

comunicação na cultura e na sociedade contemporâneas” (HJARVARD, 2014, p.15).

O fenômeno, que congrega conceitos conflitantes, também alimenta a aspiração de se construir uma teoria, que possibilite uma leitura do social a partir do papel e da influência dos meios de comunicação na sociedade e na cultura (LUNDBY, 2014; HJARVARD, 2014; FAUSTO NETO et al, 2008; VERÓN, 2014). As investigações desenvolvidas sobre o tema, geralmente, são alocadas em três vertentes: institucionais, construcionistas e materialista/ tecnológica – esta última com menos repercussão.

Na primeira vertente, um dos expoentes é Stig Hjarvard, que apresenta um olhar abrangente para os meios de comunicação, considerando-os como tecnologias, instituições e formas estéticas. Assim, o autor argumenta que, na sociedade mediatizada, os meios mudam as relações entre as instituições, indivíduos e meios, impactando, portanto, diferentes dimensões das interações sociais.

Hjarvard destaca a mediatização como um fenômeno da modernidade tardia (THOMPSON, 1995), que se intensificou, especialmente, nas últimas décadas do século XX, com o surgimento dos meios digitais e a expansão acentuada da comunicação no tempo, no espaço e na modalidade (HJARVARD, 2014). Essa perspectiva foi compartilhada pelo semioticista Eliseo Verón, desde suas produções iniciais sobre o tema nos anos 80 até os primeiros anos da década de 2010, quando desfaz as fronteiras entre sociedade mediática e mediatizada, para lançar ao conceito um olhar semioantropológico, ancorado na corrente construcionista.

Em suas últimas produções, Verón (2013, 2014) aborda o conceito no contexto da evolução da espécie. Nessa dimensão, a mediatização é a exteriorização de processos cognitivos, que se efetiva através de um suporte material, ou seja, é a exteriorização da produção sógnica, através dos dispositivos técnicos da comunicação. Em outros termos, a sequência de fenômenos mediáticos constitui o processo de mediatização, que goza de características especiais com o advento da internet, meios digitais e das redes móveis de telecomunicações.

A mediatização, nesse horizonte histórico de viés antropológico, constitui o resultado operacional de uma dimensão nuclear da nossa espécie biológica, mais precisamente sua capacidade de semiose (VERÓN, 2014). O conceito de

---

mediatização, para Verón, está ancorado no papel sócio-histórico dos dispositivos técnicos, os quais implicam mudanças de escala, por meio da autonomia e persistência dos discursos no tempo e no espaço e pela revolução do acesso.

Enquanto a construcionista busca entender a influência dos meios de comunicação nos processos sociais de construção da realidade e produção do sentido num nível macro, a abordagem institucional permite fazer inferências e hipóteses sobre as relações microssociais de indivíduos de um determinado setor cultural ou social, sem intentar generalizações, mas contentando-se com abordagens de médio alcance (HJARVARD, 2014).

Apesar dos níveis e graus de abrangência diferenciados e especificidades epistemológicas, as três vertentes (inclui-se, aqui, a materialista que tem foco na relação entre o humano, a técnica e a tecnologia) partilham a visão de que os momentos marcantes da história da mediatização não são lineares, alteram o mundo social e suas relações e provocam a aceleração do tempo histórico (LUNDBY, 2014).

Essas três vertentes atestam a condição do objeto de estudo enquanto uma construção, tributária dos percursos epistemológicos e metodológicos do cientista. Nenhum estudo vai dar conta do fenômeno na sua integralidade e, no intuito de minimizar as lacunas, autores como Andreas Hepp (2014), por exemplo, articulam as abordagens construcionista e institucional em suas investigações. Hepp destaca o primado do problema de pesquisa para definição do aporte teórico-metodológico, além de sublinhar o caráter interdisciplinar dos estudos sobre a mediatização.

Tendo em vista que a realidade social é uma produção humana simbólica, os desafios impostos pelas investigações sobre a mediatização condensam aspectos e questões que são inerentes à trajetória histórica e de institucionalização dos estudos das ciências sociais. Além disso, o fenômeno constitui um objeto atravessador a diferentes disciplinas sob a alcunha de social.

A pergunta, sempre à espreita, sobre “como objetivar uma realidade da qual somos agentes” retoma a cena e solicita, do percurso já trilhado, as respostas. O trajeto já percorrido, por sua vez, indica que a chave está nas fronteiras, nas membranas, alheia às dicotomias.

Para dar conta, por exemplo, dos estudos sobre a mediatização de campos sociais da política, da religião, da educação etc (HAJARVARD, 2014; COLDRY,

---

2014; HEPP, 2014, LUNDBY, 2014) ou para analisar as mudanças nos processos sociais de semiose (VERÓN, 2014; FAUSTO NETO et al, 2008); ou debruçar-se sobre as relações homem-máquina na constituição de novas sociabilidades (LATOUR, 1994), é necessário, por exemplo, romper com a polarização entre os métodos e pensar em pesquisas qualitativas e quantitativas em articulação.

Nesse sentido, Kaplan (1872) alerta que não se deve levar em conta apenas a metodologia, enquanto uma lógica<sup>6</sup> reconstruída, mas é preciso ter em mente que, em todo ato de pesquisa, o cientista instaura e emprega uma lógica (a lógica em uso). Assim, institui-se um processo dialético entre lógica em uso e lógica reconstruída, no qual o próprio fazer indica, em certa medida, as coordenadas do seu êxito. O ato científico é marcado pela intertextualidade, recorre-se a pesquisas, métodos e técnicas já testados, mas de uma forma peculiar, pois as escolhas pela pesquisa qualitativa e/ou quantitativa devem ser guiadas pelos aspectos do objeto e pela natureza do problema.

No que tange à dimensão epistemológica, Pires (2014) defende que medidas qualitativas e quantitativas, a despeito das suas diferenças, comungam as mesmas funções: neutraliza certos aspectos da subjetividade do pesquisador, algumas pré-respostas ao problema e criam espaço para fazer emergir uma ideia nova ao longo da atividade de pesquisa.

Dada a complexidade dos estudos da mediatização, observa-se que, além deles condensarem problemáticas inerentes à pesquisa nas ciências sociais de forma ampla, ainda promovem uma intensificação desses tensionamentos no campo da comunicação. Para Ferreira (2016), os estudos sobre o fenômeno podem reverberar numa teoria do social mediocêntrica, em prejuízo para uma abordagem mediocentrada. Dessa forma, nas negociações entre as disciplinas sociais, a Comunicação pode projetar-se como uma exportadora de conceitos (CALHOUN, 2012).

A ação social numa sociedade e cultura mediatizadas apresenta camadas de sentido que impelem à uma “desnaturalização” da ambiência comunicacional, para abarcar os tipos particulares de interação gestados pelo *médium*. Aqui, vislumbra-se um terreno fértil para o labor científico, uma vez que as investigações acerca do fenômeno da mediatização convergem as três dimensões que foram apontadas por Wolf (2003) como representativas dos avanços das pesquisas no campo da

---

<sup>6</sup> Kaplan defende que o objeto de estudo da lógica é a adequação do espírito do cientista ao problema

---

comunicação, a partir da década de 1970, a saber: 1) a articulação entre sociologia do conhecimento e meios de comunicação de massa, 2) o investimento mais expressivo nas pesquisas sobre os processos de produção, circulação e reconhecimento da informação e 3) os estudos de longo prazo.

A articulação entre a sociologia do conhecimento e os meios de comunicação representa um entrelaçamento entre as tradições europeia (abordagem crítica) e americana (pesquisa administrativa). Tal entrosamento pode ser observado, por exemplo, nas definições de meios de comunicação de massa que apoiam os estudos da mediatização. Para Verón, os meios consistem em configurações de usos que se tornam institucionalizadas em um lugar e tempo particulares ao redor de um dispositivo de comunicação (VERÓN, 2014, p.16).

Um outro sintoma dos avanços nos estudos comunicacionais é o interesse nos discursos informativos, cujas investigações atentam-se, na atualidade, especialmente às modalidades de circulação que provocam mutações nas condições de produção e recepção (FAUSTO NETO et al, 2008). Os diferentes usos da internet vêm alterando o acesso ao conhecimento e à cultura, a relação com o outro e o vínculo social com as instituições (VERÓN, 2013, p. 280-281). No que tange à produção social do sentido, “os processos de circulação são o novo campo de batalha, e essa guerra apenas começou” (VERÓN, 2013, p.282).

Por fim, os estudos da mediatização também consistem em abordagens a longo prazo, que se atêm às dimensões estruturantes da sociedade e da cultura contemporâneas.

Em linhas gerais, para os desafios impostos pela abordagem científica do fenômeno da mediatização, algumas respostas ou, no mínimo, pistas encontram-se no percurso histórico e de institucionalização das ciências sociais. Os aportes epistemológicos, teóricos e metodológicos estimulam negociações e aberturas dialógicas, sob os auspícios da objetivação. Assim, o pluralismo epistemológico não pode tender a um relativismo radical e a metodologia deve designar uma reflexão trans-teórica e trans-disciplinar da prática da pesquisa, sem que isso oblitere a construção do objeto de pesquisa no campo comunicacional.

---

## Referências

- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BERGER, P., & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento (28a ed.). Petropolis: Vozes, 2008.
- CALHOUN, Craig. Comunicação como Ciência Social ( e mais). **Intercom – RBCC**. São Paulo, v.35, n.01, p.277-310. Jan/jun. 2012
- DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Regras para a direção do Espírito (Texto integral). São Paulo, SP: Martin Claret, 2002. (Coleção a obra-prima de cada autor).
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico** (Texto integral). São Paulo, SP: Martin Claret, 2002. (Coleção a obra-prima de cada autor)
- FAUSTO NETO, Antonio; FERREIRA, Jairo; BRAGA, José Luiz; GOMES, Pedro. **Mediatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de A. Sampaio. 10a. ed. São Paulo: Loyola, 2004
- GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. **Conceitos essenciais da Sociologia**. Tradução Cláudia Freire, 2a edição. São Paulo: Editora UNESP, 2017.
- HEPP, Andreas. 2014. "As configurações comunicativas de mundos mediatizados: pesquisa da mediatização na era da 'mediação de tudo'". **MATRIZES**. 2014, Vol. 8.1, pp. 45-64.
- HJARVARD, Stig. **A mediatização da cultura e da sociedade**, Editora Unisinos, São Leopoldo, 2013.
- FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação/ A comunicação como objeto. In.: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. (org.). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: VOZES, 2001.
- KAPLAN, Abraham. **A conduta da pesquisa – metodologia para as Ciências do Comportamento**, São Paulo, EDUSP, 1975.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio da antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LUNDBY, Knut (ed.). **Mediatization of communication** (Handbooks of Communication Science), vol. 21, De Gruyter, Boston/Berlin, 2014.
- MARTINO, Luiz Cláudio. **Escritos sobre Epistemologia da Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- MARTINO, Luiz Cláudio (org.). **Teorias da Comunicação**, muitas ou poucas? Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org), DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- PIRES, Álvaro P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In.: POUPART, Jean et al. **A pesquisa Qualitativa**. Enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. 4a ed. Petrópolis, Vozes, 2014 (Coleção Sociologia).
- POUPART, Jean et al. **A pesquisa Qualitativa**. Enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. 4a ed. Petrópolis, Vozes, 2014 (Coleção Sociologia).
- RICOEUR, PAUL. **Tempo e narrativa**. A intriga e a narrativa histórica. Tomo I. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 4a edição. São Paulo: Cortez, 2006.
- VERÓN, Eliseo. **La semiosis social, 2: ideas, momentos, interpretantes**. Buenos Aires: Paidós, 2013.



- 
- VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, V. 8 - Nº 1 jan./jun. 2014, São Paulo – Brasil, p. 13-19.
- WEBER, Max. **A ciência como vocação**. In. WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1982.
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Leitura e crítica).